



DEPARTAMENTO DE LETRAS E EDUCAÇÃO

LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

LUIS GALDINO DE SOUZA

**LEITURA NO ENSINO MÉDIO: OS DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO DO
HÁBITO DE LER E A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO DO
CIDADÃO**

GUARABIRA-PB

2015

LUIS GALDINO DE SOUZA

**LEITURA NO ENSINO MÉDIO: OS DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO DO
HÁBITO DE LER E A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO DO
CIDADÃO**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento aos requisitos para obtenção do título de graduado em Licenciatura Plena em Letras.

Orientador: Prof.Ms. Luiz Henrique S. de Andrade

GUARABIRA-PB

2015

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S719l Souza, Luis Galdino de

Leitura no ensino médio: [manuscrito] : os desafios do desenvolvimento do hábito de ler e a importância da leitura na formação do cidadão / Luis Galdino de Souza. - 2015.
49 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2015.

"Orientação: Luiz Henrique S. de Andrade, Departamento de
Letras e Educação".

1. Leitura. 2. Língua Portuguesa. 3. Ensino Médio. 4.
Professor. I. Título.

21. ed. CDD 028.5

LUIS GALDINO DE SOUZA

**LEITURA NO ENSINO MÉDIO: OS DESAFIOS DO DESENVOLVIMENTO DO
HÁBITO DE LER E A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO DO CIDADÃO**

BANCA EXAMINADORA

Luiz Henrique Santos de Andrade.

Prof. Ms. Luiz Henrique S. de Andrade

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

(ORIENTADOR)

Luana Anastácia Santos de Lima

Prof. Ms. Luana Anastácia Santos de Lima

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

(1º EXAMINADOR)

Verônica Santos de Lima

Prof. Ms. Verônica Santos de Lima

Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

(2º EXAMINADOR)

Aprovado em: 13/07/15.

Guarabira - PB

2015

DEDICATÓRIA

À família

A vocês que sempre estiveram comigo nos momentos mais difíceis desta caminhada, quando os obstáculos devindos pareciam intransponíveis, que abriram mão de momentos de convívio, que sofreram a ausência quando o dever e o estudo chamaram, que compreenderam a falta de tempo, tensão durante as provas, nervosismo; a vocês, pelos dias, meses e anos de espera, encontros e desencontros vividos nesta jornada e que muitas vezes nos receberam de mau humor quase raivosos, quer pela ausência, por saudade ou impaciência; a vocês que se dedicaram sem medir esforços; a vocês, TESSOUROS DE MINHA VIDA, o meu sorriso, o carinho e o muito obrigado que, por muitas vezes, não estiveram conosco, mas estiveram sempre presentes em pensamentos. Na validade dessa luta, nos méritos da conquista, há muito da presença de vocês. As homenagens deste dia também são suas.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado a vida, saúde, família e amigos para superar as dificuldades.

Aos meus pais, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Em especial a minha mãe HELENA, heroína que me deu apoio, ânimo nas horas difíceis, de fraqueza e cansaço. Que sempre se doou ao bem dos filhos, buscando tornar este sonho uma realidade. E hoje vê dos céus essa realização.

Agradeço a todos os *professores* por me proporcionar o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter e afetividade da educação no processo de *formação profissional*, por tanto que se dedicaram a mim, não somente por terem me ensinado, mas por terem me feito aprender. A palavra mestre, nunca fará justiça aos *professores* dedicados aos quais sem nominar terão os meus eternos agradecimentos.

A todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigado.

“Quem mal lê, mal ouve, mal fala, mal vê.”

Monteiro Lobato

RESUMO

O presente trabalho apresenta resultado de análise bibliográfica e pesquisa realizadas acerca do tema Leitura no Ensino Médio: Os desafios do desenvolvimento do hábito de ler e a importância da leitura na formação do cidadão. Trata-se de pesquisa de cunho bibliográfico que aborda os diferentes aspectos do ato de ler na realidade do jovem brasileiro estudante do Ensino Médio da Educação Básica Regular de nosso país. Dividido em três capítulos com suas ramificações: 1. A importância da leitura: do desenvolvimento humano ao contexto social da educação brasileira; 1.1 O desenvolvimento cognitivo humano e a importância da leitura; 1.2 A leitura no Brasil: contexto histórico; 1.3 A visão crítica do aluno no mundo contemporâneo; 2. os parâmetros curriculares nacionais - PCNs e a leitura no ensino médio; 3. A leitura em sala de aula; 3.1 A leitura como objeto de construção de conhecimentos e formação crítica. Nesse capítulo apresentamos também a coleta de dados referentes à experiência da aplicação dos questionários em sala de aula, na Escola de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, onde realizou-se a pesquisa. Inicialmente procura este trabalho traçar um perfil do desenvolvimento cognitivo do jovem, com embasamento nas teorias de Piaget (1999) e Vygotsky (1984). Procura construir uma linha do tempo da chegada dos colonizadores portugueses ao Brasil até a contemporaneidade sob a ótica do acesso e o tipo de leitura oferecida na época. Do ensino da Língua Portuguesa e da construção do pensamento crítico no jovem de hoje. Pretende apresentar as dificuldades enfrentadas por professores do Ensino Médio na aplicação dos conteúdos adotado nas escolas e propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, observadas a partir dos períodos de visita ao meio escolar da turma do primeiro ano “A” do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho no município de Guarabira – Paraíba. E finalizamos com uma análise da construção de uma educação onde o pensamento crítico do aluno seja estimulado pra assim formar cidadãos mais críticos e detentores de maior capacidade de discernimento.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Língua Portuguesa. Ensino Médio. Professor. Pensamento Crítico.

ABSTRACT

This paper presents results of literature review and research conducted on the subject Reading in High School: Development challenges of the habit of reading and the importance of reading in the formation of the citizen. It is bibliographical research that addresses the different aspects of the act of reading the reality of young Brazilian high school student Regular Basic Education of our country. Divided into three chapters with their branches: 1. The importance of reading: Human development to the social context of Brazilian education; 1.1 The human cognitive development and the importance of reading; 1.2 Reading in Brazil: historical context; 1.3 A critical view of the student in the contemporary world; 2. national curriculum guidelines - NCPs and reading in high school; 3. Reading in the classroom; 3.1 reading as an object of knowledge building and critical training. In this chapter we also present the collection of data on the experience of the questionnaires in the classroom, in the Elementary School and Middle Professor José Soares de Carvalho, where the research took place. Initially this work seeks to draw a profile of cognitive development of the young, with grounding in the theories of Piaget (1999) and Vygotsky (1984). Seeks to build a timeline of the arrival of the Portuguese colonizers in Brazil until nowadays from the perspective of access and the type of reading offered at the time. The teaching of Portuguese and construction of critical thinking in young people today. It intends to present the difficulties faced by high school teachers in the application of the contents adopted in schools and proposed by the National Curriculum Parameters - BCP, observed from the periods of visit to the school through the class of the first year "A" high school of the State School of Elementary and Secondary Education Professor José Soares de Carvalho in the city of Guarabira - Paraíba. And we finish with an analysis of the construction of an education where the critical thinking of the student is stimulated to thus form the most critical citizens and greater discernment capacity holders.

KEYWORDS: Reading. Portuguese Language. High School. Teacher. Critical Thinking

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA: DO DESENVOLVIMENTO HUMANO AO CONTEXTO SOCIAL DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA	12
1.1 O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO HUMANO E A IMPORTÂNCIA DA LEITURA	12
1.2 A LEITURA NO BRASIL: CONTEXTO HISTÓRICO	14
1.3 A VISÃO CRÍTICA DO ALUNO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO.....	20
2. OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - PCNs E A LEITURA NO ENSINO MÉDIO.....	24
3. A LEITURA EM SALA DE AULA	27
3.1 A LEITURA COMO OBJETO DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS E FORMAÇÃO CRÍTICA	29
4 PERCURSO METODOLÓGICO	31
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA	31
4.1.1 Lócus da pesquisa e população pesquisada	32
4.1.2 Instrumentais de coleta de dados	33
4.1.3 Ação educativa aplicada no estágio.....	34
4.1.4 Coleta e análise dos dados	34
4.2 EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS	35
4.2.1 Dados coletados: primeiro questionário	35
4.2.2 Dados coletados: segundo questionário	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	42
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

Ao se falar de leitura, principalmente no contexto da Academia, se imagina algo natural, fácil e que de certa forma nem se tem tanta relevância, já que os que nela chagaram dominam essa capacidade com mérito e louvor. Porém, quando falamos da leitura na educação básica, mais precisamente no Ensino Médio, a palavra toma outra proporção, pois sabemos que as condições de nossas escolas públicas, onde está a maioria dos estudantes do país é precária, os professores não são valorizados e o sistema acaba “empurrando” alunos para o ano seguinte, gerando turmas com um alto índice de analfabetismo funcional ou pré-letramento.

O foco desse trabalho é o de traçar uma visão sobre a leitura no Ensino Médio através das observações realizadas ao longo das experiências de estágio e principalmente com pesquisas bibliográficas, pois pretende-se não apenas observar o problema como um ponto exclusivo, queremos vê-lo desde as concepções mais profundas dos processos aprendizagem e do desenvolvimento cognitivo abordados por Piaget (1999) e Vygotsky (1984), procuraremos traçar um contexto histórico de como a população brasileira teve acesso a leitura desde o período colonial aos dias atuais, tomando por ênfase o período da Era Vargas e o Regime Militar, para tanto, utilizaremos dos saberes citados de Martino e Sapaterra, (2006), Zotti, (2004), Campello (2007) e Silva (1998).

Após a realização desse paralelo entraremos de fato no cerne do trabalho, que é a importância do ato de ler para os alunos do Ensino Médio. Inicialmente com o embasamento de Freire (1996), Petit (2008) e Perrenoud (2002) vamos trabalhar o aluno e o desenvolvimento de sua visão crítica de mundo por meio de ações educativas e aplicação de meios quantitativos de coleta de dados apresentados no decorrer desse trabalho, documentar quais as características dos jovens enquanto observadores, qual a importância do ato de desconstruir a informação apresentada e como essa informação se insere no contexto histórico, social e pessoal daquele aluno e de que forma ele se utiliza da informação na sua vida cotidiana. Por meio deles também veremos como os professores, aliados às políticas públicas de ensino vão desenvolvendo o trabalho de construir uma geração de jovens pensadores

crítico e analíticos. O foco desse capítulo serão os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, sua implantação e como regem os conceitos relativos à leitura no Ensino Médio nas escolas brasileiras. Além do próprio texto dos PCN's (BRASIL, 2000), também constitui nesse capítulo o embasamento teórico de Petit (2008).

Para o encerramento do trabalho, continuaremos abordando o cotidiano escolar, dessa vez com a vivência dos alunos e a atuação dos professores no processo de ensino-aprendizagem da leitura e da construção do pensamento crítico. Focando na relação dos alunos com a leitura, apresentaremos uma ação educativa, propondo novas maneiras dos estudantes encararem a leitura não apenas como uma obrigação para sua formação, mas como um aspecto fundamental para seu engrandecimento pessoal. Nas visões de Cagliari (1997) e Jolibert (1994), vamos entendendo o quão importante é para o desenvolvimento do indivíduo nas mais diversas esferas que constituem a sua vida, o hábito da leitura e ainda mais o poder de construir para si a capacidade de pensar criticamente as informações recebidas no mundo cada vez mais informatizado, onde nem sempre as fontes são seguras e nem toda informação pode ser considerada de confiança.

1. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA: DO DESENVOLVIMENTO HUMANO AO CONTEXTO SOCIAL DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA.

Neste primeiro momento, será abordada como a leitura representa ao ser humano um importante caminho ao desenvolvimento das habilidades necessárias à boa formação pessoa, profissional e social, além de construir, a partir de Vygotsky (1984), um breve inciso sobre o desenvolvimento cognitivo do ser humano e qual a importância da leitura nesse processo, também sobre os processos de implementação da leitura adotados no ensino regular brasileiro em seu contexto histórico, bem como a importância do ato de ler para o desenvolvimento do senso crítico do aluno e do quão é importante para sua formação enquanto cidadão.

Mostraremos também como a organização do modelo educacional adotado no país, a partir da segunda metade do século XX, e a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, que Enfatizam a leitura como atividade fundamental e necessária ao processo de ensino-aprendizagem.

1.1 O DESENVOLVIMENTO COGNITIVO HUMANO E A IMPORTÂNCIA DA LEITURA

Através da curiosidade e do envolvimento, o ser humano veio desenvolvendo continuamente sua estrutura cognitiva e a adquiriu conhecimentos, assim a necessidade de que esse conhecimento seja construído de forma significativa, se utilizando conhecimentos prévios, habilidades e competências, o que só poderiam ser otimizados à medida que o ensino fosse desenvolvido de forma mais eficiente. No entanto, o que se constata é que há uma crise na educação no que diz respeito à forma como os conceitos são abordados e o contexto em que os conteúdos são ministrados dentro do ambiente escolar.

O que se aplica em sala de aula parece não está integrado com o mundo ao redor nem com as próprias experiências vividas na escola, sobre isso Coelho (2000, p. 25) afirma que:

Nos rastros do pensamento complexo, todas as discussões que vêm sendo feitas em torno da 'crise do ensino' têm como base uma das premissas da psicologia cognitiva: *sem estar integrado num contexto*, nenhum saber tem valia, por mais sofisticado que seja, isto é, não provoca no sujeito o dinamismo interno que o levaria a interagir com outros saberes e ampliar o conhecimento inicial ou transformá-lo.

Se pensarmos em autores clássicos do estudo dessa área do florescer do saber humano, destacamos Piaget e Vygotsky, que pesquisaram sobre desenvolvimento intelectual. Complementando esse pensamento Zinani (2002, p. 2) afirma que:

Em sua teoria, Piaget (1999) presume que, entre os vários estágios que ocorrem entre a infância e a adolescência, o ser humano desenvolve a capacidade de executar operações lógicas que vão se aperfeiçoando, para o entendimento do desenvolvimento dessa capacidade é que nesse estágio das operações formais onde se vê maior relevância nos estudos que relacionam adolescência e educação, pois é onde mostra a forma de atividade mais complexas que o indivíduo pode atingir. É na adolescência que, diante de um problema, o jovem consegue elaborar alternativas de solução de forma organizada e consciente, tomando opiniões de forma mais crítica, já que possui raciocínio hipotético-dedutivo.

Para Vygotsky (1984), a memória na adolescência torna-se extremamente lógica, existindo uma reorganização nas relações interfuncionais que a conectam a outras funções. Nessa fase o desenvolvimento mental se expande bastante ampliam-se as experiências afetivas e a possibilidade de educação permanente. Assim, pode-se afirmar que a sabedoria que o homem maduro levará consigo estará se construindo no exercício do aprender enquanto jovem. Por esse motivo, é necessário estimular e desenvolver a reflexão crítica.

A reflexão sobre o desenvolvimento cognitivo humano e a assimilação do conhecimento, junto aos processos adotados pelas instituições de ensino, nos propõe uma inter-relação entre o ato de educar e a escola, contribuindo para a

melhoria do ensino e para a formação de seres humanos preparados, capazes de vencer desafios, inseridos nos princípios éticos e morais do respeito mútuo e da liberdade. É importante pensar em alternativas de atuação em sala de aula, para que esse resultado seja alcançado, propondo estratégias de abordagem que possibilitem atingir esse intento, chamar a atenção dos jovens para a aprendizagem, num momento em que tudo os pode distrair.

Assim, a organização de um projeto de ensino de literatura que venha, ao menos parcialmente, buscar responder às necessidades de alunos e de professores, precisa, primeiramente, compreender o quadro referencial a partir do qual os alunos interpretam sentimentos, pensamentos e ações para, desse modo, poder contemplar os aspectos afetivo, cognitivo e social.

Incentivar o hábito de ler com o momento em que o desenvolvimento dos processos cognitivos do adolescente do Ensino Médio passa requer uma abordagem de caráter dialético, nesse momento a literatura assume importante papel, pois, é na escola que o jovem passa boa parte de seu tempo e uma vez que o sujeito da pesquisa, o adolescente, vai sofrendo modificações tanto no seu comportamento individual quanto na percepção do mundo e na interação com seus pares. Essas alterações sofridas pelo sujeito determinam as adequações que deverão ser feitas, a fim de criar condições para que os objetivos sejam atingidos.

1.2 A LEITURA NO BRASIL: CONTEXTO HISTÓRICO

No período colonial brasileiro, a leitura ou o mundo das belas letras era um privilégio da elite portuguesa, pois nesta época apenas as pessoas com um maior poder aquisitivo dentro da sociedade tinham acesso ao ensino que não era oferecido pelo governo. O Brasil, desde o início da colonização portuguesa em 1500, passou por diversas situações de divisão social e o conhecimento das letras e o domínio da leitura não deixou de ser parte crucial do projeto dessa divisão.

Antes da família real portuguesa se mudar para nosso país, apenas os grandes latifundiários portugueses tinham condições para patrocinar o ensino das letras e artes para os filhos.

O caráter propedêutico com tendência ao ensino universalista e enciclopédico, em um sistema escolar fundado numa ordem social escravocrata, tinha por único objetivo proporcionar educação para a elite que compunha a corte (ZOTTI, 2004, p. 45).

E essa corte não era ensinada em escolas ou ginásios, eram contratados os chamados “mestres escola” que iam às casas dos fazendeiros e lá iniciavam o processo de alfabetização e desenvolvimento intelectual das crianças e adultos interessados. Mas como se sabe, na época, as ideias iluministas tinham tomado forma e por isso esse processo de ensino era acima de tudo controlado pelos religiosos e representantes da fé católica. A igreja, assim como na era medieval, controlou a grande maioria dos conhecimentos passados na colônia, por causa da devoção e também por se tratar de um período conflituoso dentro da própria instituição.

O clero tinha tanto ou mais poder de que o rei, e em Portugal, por sua tradição ao catolicismo, esse poder se perpetuou por bem mais tempo que nos países onde emergiram as religiões protestantes. A igreja católica portuguesa se mantinha firme em criar leis e tribunais para julgamento de quaisquer ações que achassem prejudiciais ao povo cristão e isso incluía a censura a obras literárias.

Não obedecer às regras impostas pela Igreja, implicaria em grave punição religiosa, sob custódia prisional e em casos extremos a execução, ou seja, a igreja só dava acesso ao povo o que ela queria. Antes da invenção Gutemberg, que apresentou ao mundo a máquina de impressão de tipos móveis, as ideias eram passadas oralmente, como nos antigos costumes ou nas civilizações menos desenvolvidas, onde as pessoas ouviam as histórias de seus antepassados e as decoravam, para poder passá-las a seus descendentes. Poucos eram aqueles, que tinham acesso a textos escritos por seu alto valor financeiro e baixa distribuição. Os textos e livros eram restritos aos conventos, seminários e igrejas com seus copistas

e algumas bibliotecas reais. Segundo Sapatera (2006), era fácil, então, para a Igreja e o Estado controlar o que o povo pensava.

Os textos que eram vistos pelos mestres escola, nas casas dos fazendeiros, nos seminários pelos internos ou nos conventos passavam por um rigoroso processo de revisão, e qualquer pista que pudesse levar um indivíduo a rebelar-se contra a corte ou a igreja, ainda que contivesse qualquer menção de conotação libidinoso dentro da sua escrita, nesses casos para a obra seria vetado o direito de leitura.

Já a partir do século XIX, houve uma maior difusão de livrarias e bibliotecas colocadas nas universidades. Porém, havia certo incômodo com os pensadores europeus em suas revolucionárias ideias como Rousseau, ou que tratassem de concepções religiosas que não fossem as que eram apresentadas pela igreja, embora já não tivesse tanta força quanto nos séculos anteriores, como Alan Kardec.

Autores brasileiros como Machado de Assis, José de Alencar ou Joaquim Nabuco eram vistos como inadequados aos brasileiros, pois suas leituras foram vistas como desafiadoras aos moldes governamentais da época e que não mais imitavam os modelos europeus aceitos, mas ao contrário, eles escreviam sobre assuntos nacionais com o intuito de fazer uma literatura que fosse realmente voltada para os acontecimentos vividos pelo nosso povo.

Durante este período, o ato de ler enfrentou além da repressão da censura que ainda existia a opinião daqueles que não queriam ver a população tomando conta de conhecimento, surgiram mitos a respeito do ato de ler. Discursos apoiados pela elite brasileira favorecendo o acréscido desinteresse pela leitura por parte do povo, como este relato de um médico da época:

Os inconvenientes dos livros frívolos são de fazer perder tempo e fatigar a vista; mas aqueles que, pela força e ligação das ideias, elevam a alma fora dela mesma e a forçam a meditar, usam o espírito e esgotam o corpo; e quanto mais este prazer for vivo e prolongado, mais as consequências serão funestas (MARTINO; SAPATERRA, 2006, p. 05).

Com esse pensamento sendo difundido, as pessoas tomaram medo pelo ato de ler, com isso, não surpreende o fato de encontrarmos, ainda hoje, pessoas de idade avançada, que carregam a ideia de ler menos para não enlouquecer, ou evitar questionamentos para não parecer fora do normal. Esse medo de se romper padrões estabelecidos, o que é comum para a terceira idade; não sabendo que ações assim apenas contribuem para a permanência de uma divisão social desumana, pois a leitura não é apenas para alguns e sim é um direito de todos, sem nenhuma exceção.

Enquanto na Europa, ideias de Marx eram discutidas nas ruas e a revolução industrial avançava e recriava o modo de vida dos cidadãos de lá no século XIX, a sociedade brasileira entrou no século XX ainda marcada por uma enorme diferença de classes sociais, em que apenas pessoas de grande poder aquisitivo tinham acesso à instrução escolar ficando uma grande parte da população sem acesso ao ensino e conseqüentemente, à leitura. Essa situação só começa a sofrer suas primeiras modificações com a criação do ensino público no Brasil depois da metade do século passado, mas isso não fez com que a sociedade brasileira adquirisse uma cultura da leitura, a responsabilidade caiu apenas sobre a escola, com o auxílio de alguns programas criados pelo governo com o objetivo de incentivar a prática da leitura entre os brasileiros.

Como a maior parte dos estudantes tem acesso à leitura só na escola eles, muito provavelmente, se tornem pessoas com poucas habilidades de compreensão e interpretação de textos, como também de pouco desenvolvimento crítico. Desse modo, os alunos se habituaram a leituras fáceis que não lhes exigem muito esforço de compreensão, ou seja, eles procuram aquelas que não precisam usar a mente para interpretar, que não lhes exigem esforço e isso é reflexo do desinteresse por aprender e por buscar conhecimentos. Na nossa história durante o século XX, houve um período de grandes conflitos populares e mudanças políticas com a implantação e fim da ditadura militar e a volta do presidencialismo republicano, o que refletiu muito no que diz respeito ao ato de ler e práticas de leitura, pois a leitura esteve manipulada pelo estado no período de Getúlio Vargas, bastante censurada com o militarismo e um público leitor revoltado e sem estrutura para dar início a uma intelectualidade que fosse brasileira e não abasileirada.

Dados mais recentes sobre o nível de leitura no mundo e no Brasil, referenciados por Campello (2007), apontam que nosso país se destaca de maneira negativa, pois os alunos leem em média 1,8 livros por ano, estando assim entre os países que menos tem hábito de leitura no mundo em relação aos países da América do Sul. Uma parte desse mau índice de leitura se deve ao acesso que é proporcionado ao leitor brasileiro, nosso país possui poucas bibliotecas públicas e as que existem não possuem um acervo que atraia o grande público.

Fato é que no correr de nossa história a leitura nunca foi tratada como prioridade, pois apenas alguns privilegiados tinham acesso e o que era ofertado sofria forte censura para que se encaixasse no que os dominantes queriam que a população pensasse. Visto desta maneira a leitura no Brasil jamais poderia ser tomada como primordial para o desenvolvimento crítico do cidadão e, menos ainda, como forma de desenvolver habilidades que permitam ao aluno pensar sobre o que lê relacionando isso ao contexto social vivido. Freire (1984), afirma que antes de ler ou decodificar uma palavra o indivíduo precisa ter antes uma leitura de mundo que é construída na vida social e cultural.

Refiro-me a que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquela. (...) De alguma maneira, porém, podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida da palavra mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo ou de reescrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente (FREIRE, 1996, p. 22).

Essa leitura de mundo tratada por Paulo Freire é, como dito inicialmente, a carga cultural e social do aluno antes de entrar na instituição escolar, suas maneiras de socializar e interpretar situações diversas experiências pessoais, sociais e religiosas. Essas são questões que englobam a formação de um ser humano que o faz perceber a realidade e construir seu conhecimento.

Mas essa ideia de construção de conhecimento esbarra em algo muito maior que é a realidade da sociedade brasileira. O problema não é apenas uma escola com más condições, ou professores sobrecarregados de trabalho, tampouco a oferta de material, pois caso houvesse interesse ele até existiria, mas a questão maior

porque a cultura de nosso país foi sendo moldada de forma que ler é entendida como um “luxo”. Livros são caros, de todos os gêneros e num lugar onde boa parte da população sempre viveu com o mínimo de recursos para a sobrevivência, eles não seriam um gasto necessário. Nossas crianças cresceram sem ver seus pais ou familiares lendo ou escrevendo, antes trabalhando, sem tempo para parar e ler um bom livro. Nos últimos anos, com a ligeira estabilização econômica e a diminuição do índice de pobreza de nosso país, nos deparamos com outro fator: a era da informação.

O jovem recebe uma carga que se torna cada dia mais prejudicial ao passo que entende a necessidade de reorganizar e selecionar mentalmente o grande volume informacional que é proposto todos os dias por vinte e quatro horas ininterruptas. Isso gera aluno que apenas decodificam, ou seja, compreendem o sentido dos signos, pode realizar uma leitura apenas de forma decodificada, sem que esta faça sentido para ele. Quando se trata de leitura e interpretação, reinterpretando e agindo sobre o texto lido é que acontece a efetivação da criticidade mental do aluno, pois colocará em prática o conhecimento adquirido através da leitura. De acordo com Silva (1998), a interpretação se faz importante quando:

A caracterização da leitura como sendo uma atividade de questionamento, conscientização e libertação geram uma série de implicações, principalmente quando vinculamos com organizações sociais específicas e concretas. É preciso saber (...) se a organização social, onde a leitura aparece e se localiza, dificulta ou facilita o surgimento de homens-leitores-críticos e transformadores. É preciso saber, ainda, se uma sociedade, através dos seus organismos dirigentes, concebe a leitura como uma atividade destinada a realização e ao bem-estar do povo ou como uma atividade que impede o surgimento da consciência e da racionalidade. É preciso saber se o objeto da leitura (livro ou similar) circula democraticamente numa sociedade de modo a permitir sua fruição por parte dos homens que constituem essa sociedade. Tais necessidades revelam que o problema da leitura não se desvincula de outros problemas enraizados na estrutura social; é praticamente impossível discutir vivências ou carências da leitura de um indivíduo sem situá-lo dentro das contradições presentes na sociedade onde ele vive (SILVA, 1998, p. 22).

Sob esse pensamento, o debate sobre a formação de uma sociedade leitora brasileira reaparece de forma a que pesquisadores, professores, políticos e grupos sociais se envolvam para que, direta ou indiretamente, sejam criadas novas políticas

de leitura ou incentivadas práticas culturais que possam modificar essa realidade em nosso país. Porém, ao se pensar no cotidiano de milhares de crianças, jovens e adultos, que não conheceram o trabalho de mestres da literatura, ou dos contos infantis, das fábulas nem mesmo dos ensinamentos doutrinários das religiões que habitam o imaginário da humanidade se mostra como um grande desafio. Assim, o século XXI tem como missão suportar tal condição.

1.3 O DESENVOLVIMENTO DA VISÃO CRÍTICA DO ALUNO NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

O grande desafio de nosso século na educação é além de incentivar a leitura como um hábito comum ao dia-a-dia dos alunos/cidadãos, também desenvolver nestes o censo crítico necessário para que sejam trabalhadas as informações que são lidas. O papel do professor dentro de sala é o de atuar como agente conhecedor do contexto sócio-histórico que insere aquele aluno para que seja capaz de propiciar ao mesmo um ensino que lhe possibilite desenvolver habilidades necessárias a vida no mundo atual, que ele seja capaz de pensar, escrever, ler, ser crítico e agir diante dos problemas e das transformações vividas no seu meio social. Um fator determinante também às novas gerações é o avanço tecnológico que trouxe consigo o desejo por informações rápidas e precisas, a velocidade com que elas são jogadas no mundo e no cotidiano dos jovens, o que pode gerar uma anulação do ato reflexivo, pois envia já “mastigado” todo o conteúdo que se quer que seja assimilado, dando a falsa impressão de que o conteúdo está completo, não proporcionando que o receptor aguçe a curiosidade de procurar aprofundar naquele tema. Isso não quer dizer que a reflexão ou a interpretação crítica das informações tenha sido totalmente abandonada, mas que enquanto agentes dessa informação, os jovens, estão cada vez menos envolvidos com a criticidade com que é exposto e sofrendo mais com o acúmulo de conteúdo pronto, sem interpretação, sobre isso Petit (2006), afirma:

O século da informatização do planeta, de uma juventude virtual e virtualizada, que infelizmente em sua maioria, passiva, acabam sendo

agentes que apenas recebem informações não havendo preparo suficiente para processá-las e agir sobre elas, atuando desta maneira como transformadores de uma realidade [...] (PETIT, 2006, p.192).

Esse alto índice de recebimento de informação que tem ocorrido nos últimos tempos passa a contribuir a tornar os indivíduos meros receptores destas sem condições de avaliá-las, selecioná-las ou questioná-las. Mas não se deve entender que o desenvolvimento de um pensamento crítico vá criar cidadãos transgressores e contrários ao método de ensino ou ao modelo de sociedade adotado, ser possuidor de capacidade de analisar criticamente uma situação não necessariamente significa que vá ser contra ela. É papel da escola ajudar a construir esse pensamento, limpá-lo dos fatores de influência e se mostrar como forte e firme nos seus princípios.

É importante que a escola seja, em parte, um oásis e que ela continue a funcionar nas circunstâncias mais movimentadas, mesmo em caso de guerra ou de grande crise econômica. Ela permanece, senão um “santuário”, pelo menos um lugar cujo estatuto “protegido” é reconhecido. Quando a violência urbana ou a repressão policial chegam às escolas, os espíritos ficam chocados. A escola não tem vocação para ser o instrumento de uma facção, e nem mesmo de partidos no poder. Ela pertence a todos. Até mesmo os regimes totalitários tentam preservar essa aparência de neutralidade e paz. Compete ao sistema educativo encontrar um justo equilíbrio entre uma abertura destruidora dos conflitos e sobressaltos da sociedade e um fechamento mortífero, que o isolaria do restante da vida coletiva (PERRENOUD, 2003, p. 33).

Assim, quando Perrenoud (2003), declara que a chave para que a escola seja um oásis do pensamento crítico pode estar no ambiente escolar, no caso do Ensino Médio em como se aproveitam os aspectos do ensino da leitura de forma correta para poder influenciar adolescentes e jovens cada vez mais a mudarem suas opiniões e gostos a respeito da prática de leitura. O indivíduo que pensa criticamente assume uma atitude questionadora e uma resistência dupla na confiança de informação e na sua interpretação, o que nos faz lembrar a citação de Monteiro Lobato que encabeça este trabalho, que mesmo sendo bastante conhecida, tem o poder de sintetizar o pensamento exposto a respeito da importância da leitura.

Isto lhe proporciona segurança ao observar as fontes desta informação vão sendo analisadas. Para o aluno de Ensino Médio, que está se preparando para dar, de fato, início à sua vida adulta esse processo é muito importante, visto que as

informações, como já vimos, chegam de diversas fontes e muito rápido, o que nem sempre pode significar que estejam vindo de fontes seguras ou confiáveis, situações assim podem ocasionar diversos danos sociais ou particulares. Quando alguém exercita o pensar crítico se torna um bom comunicador, percebendo que uma troca de ideias é fundamental para compreender um fato e achar soluções melhores quando encaradas com problemas, se tornam pessoas dispostas a considerar outras perspectivas e evitam julgamentos prévios, sempre considerando todas as partes envolvidas.

Assim, afirmamos que alunos que passam por um processo de aprendizagem onde a leitura, incentivada dessa forma, certamente irão se tornar pensadores independentes, fazendo seus próprios julgamentos e tomando suas próprias decisões, ao invés de permitir que outros façam isso por ele. A capacidade de um pensamento crítico dá ao indivíduo a capacidade de ponderação de ideias e a de refletir sobre elas, o que ao mesmo tempo gera potencial necessário para questionar suas próprias visões de mundo.

Segundo Freire (1996), para que a realidade de cada um seja transformada, ela precisa de um pensamento autônomo, ou seja, um pensamento próprio. A instituição que melhor se coloca dentro da sociedade atual e que é capaz de promover este processo de transformação é a escola e seu ambiente, justamente pelos incentivos a ela, ainda segundo o autor “terra fértil” que por ela passa, ou seja, os alunos que, com seus corpos e mentes jovens e em construção e por meio das instituições de ensino, se preparam para o futuro.

O Ensino Médio no Brasil, após a implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN do ensino médio e o PCN+, ambos no ano 2000, Aos quais falaremos com maior aprofundamento no capítulo seguinte, construíram base e para a ação incentivadora desta forma de pensamento, preparando jovens que não sintam medo ou vergonha de expor aos colegas ou outras pessoas de seu convívio social que estão consumindo obras literárias. Trabalhar com a leitura clássica, como vinha sendo empregado no modelo tradicional, parece muito distante desta proposta, principalmente no Ensino Médio em redes públicas espalhadas pelo Brasil, porém, não significa que ela seja abandonada, principalmente no período em que os jovens estão prestes a ingressar na vida acadêmica e a leitura dos clássicos ainda

se mostra necessária aos processos seletivos para as instituições de ensino superior. A leitura clássica ainda é uma ótima maneira de ensinar a leitura, basta saber como trabalhar no incentivo para a realização desse ato nesta modalidade de leitura.

Por uma necessidade social, profissional e até mesmo pessoal nossos jovens, hoje estão formando uma geração de pensadores críticos e desenvolvendo essa habilidade com o incentivo a leitura, como afirma Perrenoud (2003, p. 12) “qualquer um que é projetado numa situação difícil, sem formação, desenvolve uma atitude reflexiva por necessidade”. A proposta da inserção mais ampla da leitura no cotidiano dos estudantes do Ensino Médio é de não apenas torná-los conhecedores de obras clássicas de nossa literatura ou dos clássicos mundiais, também de criar melhores maneiras, dentro das limitações, para se instigar dentro do ambiente escolar brasileiro com adolescentes e jovens no Ensino Médio o pensamento crítico dentro da leitura.

2. OS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS - PCNs E A LEITURA NO ENSINO MÉDIO

Após discutimos como se desenrolou em nosso país os processos de implementação da educação e de como o hábito de ler foi, ao longo dos períodos históricos sendo reprimido ou mesmo negado da população geral, seja por questões religiosas, financeiras, sociais ou políticas. A partir do século XX que no Brasil foi de fato implantado um modelo de educação pública e com isso foram elaboradas leis e normas as quais todas as instituições deveriam seguir e a partir daí apresentar seus resultados, eram os Parâmetros Curriculares Nacionais.

Os anos 90 no Brasil foram anos de muitas transformações para a educação, a elaboração da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 94/96 (LDB), essas mudanças ofereceram a chance de grande transformação no modelo educacional adotado até então em nosso país. Com apoio e a pressão de órgãos internacionais como a UNESCO, o Brasil recebe pressões e incentivos para que sejam reformuladas as metas e normas para a educação.

A educação básica a partir de então é alvo de intensos debates e discussões, onde a principal meta era a melhoria na formação dos alunos em indivíduos competentes e capazes de alcançar índices próximos aos dos países desenvolvidos e em desenvolvimento aos quais era comparado. Então, os documentos oficiais sobre educação passam então a propor como ensino básico brasileiro de língua materna não só uma formação voltada para a gramática, mas também um ensino voltado para uma formação geral do indivíduo, conforme aponta os Parâmetros Curriculares Nacionais:

A formação do aluno deve ter como alvo principal a aquisição de conhecimentos básicos, a preparação científica e a capacidade de utilizar as diferentes tecnologias relativas às áreas de atuação. Propõe-se, no nível do Ensino Médio, a formação geral, em oposição à formação específica; o desenvolvimento de capacidades de pesquisar, buscar informações, analisá-las e selecioná-las; a capacidade de aprender, criar, formular, ao invés do simples exercício de memorização (BRASIL, 2000, p.14).

Na primeira década do século XXI, foram de adaptação e aperfeiçoamento de técnicas, exigências e normas ditadas às instituições de ensino por meio de situações e ações governamentais coordenadas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Nesse processo de mudanças foram adotados os métodos desenvolvidos junto aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNEM) enquanto determinantes das habilidades e competências a serem desenvolvidas nessa fase de ensino pelo aluno. De acordo com o PCN (2000), o estudante deve desenvolver aspectos que possibilitem a ele, analisar, interpretar e aplicar as mensagens contidas e as formas de expressão da linguagem relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, estrutura e organização das manifestações, de acordo com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação de ideias e de escolhas, tecnologias disponíveis, etc [BRASIL, 2000]).

Em sua forma didática a proposta se mostra bastante interessante, porém, ao analisarmos nossa realidade, onde temos professores de uma rede pública, na qual existe a sobrecarga de horários, lotação das salas e pouco incentivo financeiro por parte dos estados para que aconteça um aprimoramento de conhecimentos, adolescentes na fase de Ensino Médio que apresenta na maioria das vezes um analfabetismo funcional, torna-se cada vez mais difícil imaginar que possam se envolver em atividades de leitura e aprendizado em análises e compreensão de textos. Mas não se pode tomar a realidade de muitos lugares do país como um fator que impossibilite o trabalho e a implantação do que os PCN's sugerem trabalhar em sala de aula com metodologias que ajudem esse estudante a superar seus déficits, o método de trabalho do senso crítico, como fora discutido anteriormente e a prática constante de atividades de leitura são ações válidas e que estão enquadradas nos conceitos propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Também se apresenta como proposta do PCN (1998) a recuperação pelo estudo, as formas instituídas de construção do imaginário coletivo, o patrimônio representativo da cultura e as classificações preservadas e divulgadas no eixo temporal e espacial sem deixar de articular as redes de diferenças e semelhanças entre linguagens e seus códigos. A Reorientação Curricular para o Ensino Médio

brasileiro (2010) vem ao encontro com o interesse e discussão deste trabalho, na forma de efetivar por vias legais, necessidades latentes ao jovem brasileiro, e não apenas no Brasil como declara Petit (2006), quando discursa sobre a situação de jovens franceses, que por sinal se torna muito semelhante à nossa brasileira.

Relendo-os pensei, muitas vezes nas cenas de violência que as periferias urbanas francesas foram palco em 2005. O mundo todo viu as imagens de carros e equipamentos públicos incendiados – como escolas e algumas bibliotecas. (...) Muitos desses jovens oriundos das camadas populares – e uma parte deles participaram das revoltas. O sociólogo Stéphane Beaud conversou com alguns deles que tinham sido alunos “médios”. Descobriu que não estavam absolutamente preparados para a vida de estudante: suas anotações de aula eram malfeitas incompletas e ilegíveis, seu desconhecimento das bibliografias completo, não dispunham de fichas, nem de livros, não pesquisavam na biblioteca e etc (PETIT, 2006, p.10). 25

Nossa realidade aponta para muitos desses jovens frequentadores das escolas de Ensino Médio, sofrerem de certo conformismo social, como aponta Petit (2006). As facilidades possibilitadas pelas tecnologias muitas vezes se mostram como agente nocivo ao desenvolvimento do jovem. Como podemos ver o trabalho a ser desempenhado pelos profissionais em educação não se mostra facilitado e muito menos livre de desafios, uma vez que são esses jovens que se encontram em salas de aula hoje.

3. A LEITURA EM SALA DE AULA

Para que haja uma análise clara de um texto, a leitura necessita de atualização e eficiência, é preciso que aconteça a interpretação das linguagens e o conhecimento surja de forma crítica e construtiva dentro do entendimento do aluno. Esse processo não poderá ser reconhecido por alunos que tenham apenas aprendido a decodificação das letras. Para a formação de um pensamento reflexivo e crítico durante o processo de leitura e a significação de sentidos e gêneros encontrados num texto, Braga e Silvestre (2002), indicam três etapas básicas neste desenvolvimento: A primeira etapa é iniciada com base numa pré-leitura do texto a ser trabalhado com os alunos. Nela se daria o ponto inicial de aproximação do aluno com o assunto, tema, ou autor da obra a ser discutida.

Esse seria o momento ideal para exercer a motivação ao aluno ao texto para chegar a uma leitura prazerosa, conforme discutimos antes. O ponto de encontro com as ideias do texto precisa ser motivado pelo professor dentro da sala de aula. O tema do assunto não necessita ser exatamente tradicional, ou convencional, como no caso dos textos propostos muitas vezes pelo livro didático. Isto pode acontecer, por exemplo, utilizando a cena de um determinado filme, com tanto que seja exposto com a legenda, ou de preferência do cinema mudo e com legendas. Isto instigará o aspecto investigativo e a curiosidade dos alunos. Nesta etapa de pré-leitura, apenas o tema da situação no texto deve ser exposto, deixando para o debate com os alunos e incentivando-os a levantarem hipóteses sobre o que o texto descrito poderá tratar.

Assim, é necessário que, já antes da leitura, da distribuição do texto, de qualquer contato com ele, o professor intervenha e realize o que chamamos de pré-leitura – momento em que se ativa o conhecimento prévio do aluno-leitor mediante as habilidades de investigação: adivinhar, formular hipóteses, fazer previsões, buscar alternativas, selecionar possibilidades, imaginar (BRAGA; SILVESTRE, 2002, p. 31).

É neste momento que o professor realizará um breve levantamento da compreensão do aluno com relação ao que foi apresentado e sua proximidade ou distanciamento diante do tema proposto, seu nível de conhecimento e envolvimento com a proposta.

A segunda etapa deste processo pode ser chamada de leitura-descoberta, é quando há, de fato o contato com o texto esperado. Nesta fase o aluno precisa já estar se sentindo motivado e com curiosidade para descobrir o que é discutido no texto. No momento de contato, o aluno irá definir se as hipóteses, adivinhações, e levantamentos feitos por ele a partir das motivações do professor, estão corretas, ou até que ponto ele se aproximou da ideia do autor. Porém, “o professor precisa ter em mente que essas atividades deverão se processar passo a passo. A leitura não é feita de uma só vez, indiscriminadamente, mas sim de modo seletivo” (BRAGA: SILVESTRE, 2002, p, 33).

E a terceira e última etapa é o processo descrito como Pós-leitura, ou seja, o aluno neste momento receberá a motivação do professor, principalmente no aguçar de seu senso crítico, é o momento da realização de atividades sobre o que foi lido, onde o aluno poderá realizar um levantamento de seu próprio conhecimento, no que diz respeito ao texto, a linguagem usada pelo autor, o que ele mesmo percebeu dentro das ideias expressas ali. Neste ponto o professor poderá atuar como mediador, reforçando que os aspectos do texto, como o uso de determinadas palavras, imagens bem como, todas as informações são frutos de intenções, e que o aluno poderá utilizar para a partir de então construir um pensamento crítico que vai auxiliar na composição de seu próprio posicionamento.

Se na pré-leitura é importante fazer uma antecipação do sentido e na leitura-descoberta, com base nas intenções estabelecidas pelo mediador-professor, ocorre a construção do sentido pelo leitor, é no momento da pós-leitura que o aluno-leitor poderá utilizar criticamente o sentido construído, refletir sobre as informações recebidas e, assim, construir conhecimento (BRAGA; SILVESTRE, 2002, p.33).

A leitura acontece numa dimensão individual e coletiva simultaneamente, recebe influência dos conhecimentos e da visão de mundo do leitor, tornando-a uma

experiência única para cada indivíduo. O que torna a visão crítica de cada um mais branda ou aguçada. Ela é uma experiência autônoma de troca, pois quando ao receber a informação na leitura esse indivíduo a estabelece, compartilha e diferencia com ele mesmo o que aprendeu. Pode-se dizer que estas etapas contribuem muito para a formação crítica do aluno, pois com elas o estudante consegue se situar nas leituras e escolher as que mais o agradam e isso com a ajuda do professor se mostra como enriquecedor no processo de aprendizagem, visto que o leva o aluno a obter colher informações diferentes dos textos lidos propiciando a ele um trabalho com leitura bem direcionado.

3.1 A LEITURA COMO OBJETO DE CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS E FORMAÇÃO CRÍTICA

Segundo Jolibert (1994), o indivíduo deve ser apresentado ao mundo da leitura desde criança, pois quando isso acontece ele se torna um adulto com hábito de ler (p.129), isso ocorre porque adquiriu o gosto e o prazer na infância, nesse caso, cabe aos pais contribuírem para o desenvolvimento desse hábito junto aos seus filhos incentivando-os a praticarem o ato da leitura, pois na maioria das vezes as crianças não recebem o auxílio da família em relação à leitura. Na vida escolar, o educador assume o papel de mediador e estimulador desta instigando e incentivando o aluno a querer a ler, mas para isso o aluno deve estar aberto ao conhecimento, ter estímulo desenvolvido no ambiente familiar de querer e buscar aprender.

Na concepção de Cagliari (1997, p. 149) “ler é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só semânticos, culturais, ideológicos, filosóficos, mas até fonéticos”. Assim sendo, o aluno necessita da ajuda do professor para desenvolver uma boa leitura, e as relações entre professor e aluno devem estar presentes quando a leitura for estimulada, pois o professor é o mediador e o aluno participa desse processo assimilando valores afetivos ao ato de ler.

A leitura é um processo de desenvolvimento do pensar crítico. Quando leem, os alunos estão desenvolvendo não só suas funções de aprendizagem ou de assimilação de conhecimento, eles estão inserindo no seu modo de vida conceitos, valores, pensamentos e visões críticas que serão utilizados no decorrer de seu crescimento enquanto indivíduo e cidadão. Ao professor é importante discutir o texto, problematizar as questões que ele levanta e tratá-las de forma que cada aluno possa expor uma opinião baseada nas suas próprias experiências. A leitura é um fator essencial na formação de cidadãos críticos, conforme dizem os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa.

[...] é preciso, às vezes, criar um ambiente que convide à escuta atenta e mobilize a expectativa: é o caso, por exemplo, dos momentos de contar histórias ou relatos (o professor ou os próprios alunos). A escuta e demais regras do intercâmbio comunicativo devem ser aprendidas em contextos significativos, nos quais ficar quieto, esperar a vez de falar e respeitar a fala do outro tenham função e sentido, e não sejam apenas solicitações ou exigências do professor (BRASIL, 1997, p. 40).

A leitura possibilita à pessoa adquirir habilidades capazes de lhe abrir a mente e ampliar a visão intelectual do indivíduo fazendo com que ele entenda e explique o que lê, podendo assim tirar suas próprias conclusões sobre os diversos assuntos sobre os quais ele lê, como também o habilita a debater e criticar sobre o assunto lido. A prática da leitura também contribui para formação sócio-cultural do indivíduo, possibilitando-lhe a construção de um amplo conhecimento e, assim, podendo atuar como um criador de saberes.

O aluno consegue expor e formar melhor suas próprias opiniões através da leitura, pois ela estimula o gosto pelo ato de ler e assim melhora sua argumentação e sua articulação social. Ao ler, a pessoa está tentando construir uma moral ética e profissional na sociedade, formando opiniões capazes de confrontar com outras. Porque a leitura ajuda a construir sujeitos críticos, criativos, capazes de provocar mudanças na sociedade em que vive.

4. PERCURSO METODOLÓGICO

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

Para que fosse possível realizar o presente trabalho tomaram-se como base as referências de Gil (2008) e Zanella (2009), quanto apresentam os métodos de pesquisa. O primeiro quando descreve as características da pesquisa exploratória e pesquisa descritiva. O segundo, a importância da pesquisa quantitativa, esta utilizada de forma crucial no trabalho, pois a partir da aplicação de questionários que obtemos os dados necessários para as conclusões finais acerca de nossa problemática da leitura em sala de aula. Na primeira fase, a de pesquisa exploratória, busca-se obter uma maior familiaridade com o problema.

Quanto á pesquisa descritiva, Gil (2008), acrescenta que ela deve descrever as características de determinadas populações ou fenômenos. Ela foi realizada nas observações feitas no ambiente escolar da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho e do cotidiano da comunidade do Bairro Primavera, em Guarabira - PB onde a escola se localiza. Zanella (2009) aponta para a importância da pesquisa quantitativa é apropriada para medir tanto opiniões, atitudes e preferências como comportamentos.

Como forma de pesquisa quantitativa foi aplicado a vinte e sete alunos do primeiro ano do Ensino Médio da referida escola um questionário em que responderam sobre seu hábito de ler, do estímulo em sala de aula, na família, onde, comumente tem acesso à leitura, dentre outras questões que serão exploradas adiante.

4.1.1 Lócus da pesquisa e população pesquisada

A pesquisa foi realizada na da EEEFM Professor José Soares de Carvalho e do cotidiano da comunidade do Bairro Primavera, em Guarabira – PB. O município

fica a 98 quilômetros de João Pessoa, com população de 55.326 habitantes, segundo o censo demográfico de 2010.

A os alunos atendidos pela escola compreendem a faixa de formação do ensino fundamental ao médio além dos que frequentam o programa de educação de jovens e adultos - EJA. Atualmente a escola atende 1.505 alunos, sendo 572 do Ensino Fundamental, 748 do Ensino Médio e 185 do EJA. O prédio escolar tem estrutura em alvenaria ampla e arejada. Conta com a seguinte estrutura:

Quadro 01- Estrutura da escola.

19 salas de aulas
01 Sala de diretoria
01 Sala de professores
01 Laboratório de informática
01 Laboratório de ciências
01 Quadra de esportes coberta
01 Cozinha
01 Biblioteca
02 Banheiros dentro do prédio
02 Banheiros adequado à alunos com deficiência ou mobilidade reduzida
Vias de acesso adequadas a alunos com deficiência ou mobilidade reduzida
01 Sala de secretaria
01 Despensa
01 Almoxarifado
01 Auditório

A população que participará ativamente da pesquisa será a de vinte e sete alunos, matriculados na turma de primeiro ano do Ensino Médio. A média de idade dos participantes é de quatorze anos, existindo casos de alunos com faixa etária superior, porém uma minoria.

4.1.2 Instrumentais de coleta de dados

Definido o grupo de pesquisa, foram elaborados dois questionários, o primeiro constituído de oito perguntas objetivas, aplicado antes das atividades do estágio e o segundo, de cinco questões apresentado aos alunos. De acordo com Zanella (2009) o questionário é um instrumento de coleta de dados e, nesse caso, as perguntas visam obter dados preferenciais, ou seja, “buscam avaliar a opinião de alguma condição ou circunstância que tem relação com problemática da pesquisa” (ZANELLA, 2009 p. 110)

Os questionários foram elaborados de forma que os alunos possam responder de forma objetiva sobre conceitos abordados nessa pesquisa em dois momentos: antes e depois da ação prática de incentivo à leitura realizada durante as atividades de estágio. A escolha desse método de pesquisa e da elaboração e aplicação de dois questionários se deram para que se pudesse fazer um comparativo entre as aulas apresentadas, para se observar como a ação de realizar leitura é sentida ou não por eles.

4.1.3 Ação educativa aplicada no estágio

A ação realizada na sala de aula consistiu em um momento diferenciado, pensado para estimular a leitura dos alunos em textos que eles não estivessem acostumados a ler no ambiente escolar. Junto com o professor de Língua Portuguesa, responsável pela área de literatura, levamos gibis, livros não didáticos e trechos de filmes baseados em livros a serem exibidos em projeção no data show cedido pela escola.

A ordem da apresentação foi organizada da seguinte forma: inicialmente o professor titular explicou que haveria uma ação educativa na sala de aula com o propósito de apresentar a leitura de um jeito mais interessante. Então, já com o aparelho de data show preparado foram exibidos trailers de filmes conhecidos baseados em livros. A exibição contou com os grandes sucessos do cinema internacional: “Crepúsculo”, “Harry Potter” e “Divergente”, bem como filmes nacionais como “O Auto da Compadecida” e “Tropa de Elite” (anexo III). Após se iniciou uma

breve discussão sobre como a leitura pode ser apresentada de diferentes formas e questionou-se aos alunos se os filmes conseguiriam contar toda a história contida na obra e se eles teriam o interesse de conhecer a obra mais a fundo. Nesse momento muitos afirmaram que os filmes não apresentavam a obra no seu sentido total e que teriam interesse de ler os livros nos quais os filmes foram baseados.

No segundo momento da ação educativa, foram apresentados alguns livros, dentre eles os apresentados no primeiro momento, bem como revistas em quadrinhos. A partir daí, cada aluno teve o restante do período de aula livre para realizar sua leitura, discutir com colegas e tirar dúvidas com o professor e com os responsáveis pela ação educativa sobre as obras.

Os resultados desse processo foram sentidos na segunda etapa de questionários apresentados aos alunos. E discutidos no tópico a seguir, após a análise dos dados iniciais.

4.1.4 Coleta e análise dos dados

As perguntas foram as mesmas para os todos participantes da pesquisa em suas duas fases, realizadas individualmente com o tempo de meia hora cedido pelos professores para a respostas. Com as atividades de estágio, iniciadas com o ano letivo de 2015, foram feitas as visitas à escola onde foram aplicados os questionários. Cada estudante recebeu o formulário de perguntas, que foram lidas para os alunos e após iniciado o tempo de contagem para a entrega das respostas.

Após a coleta dos formulários de perguntas, os mesmos foram reunidos para análise dos dados, a separação das quantidades e verificação de respostas de todos os questionamentos lançados. É nessa fase que ocorre “ordenação, manipulação e sumarização de dados” (ZANELLA, 2009, p. 125), e tem por objetivo transformar a quantidade de dados brutos obtidos em uma forma interpretável e apresentável ao entendimento geral.

Assim, os dados obtidos da pesquisa realizada entre os alunos da escola Professor José Soares de Carvalho foram convertidos em gráficos, estilo pizza,

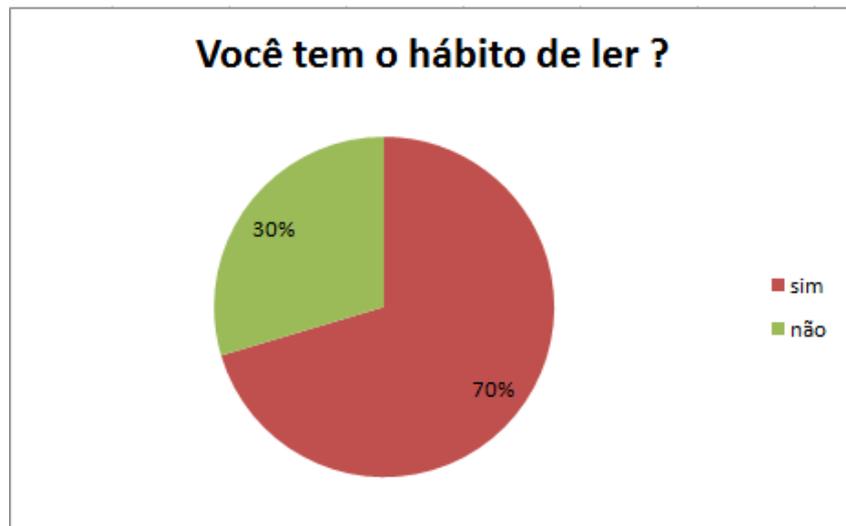
apresentados de acordo com a quantidade real de alunos conforme suas respostas aos questionamentos. Cada questionamento será exposto e debatido de forma individual no item seguinte.

4.2 EXPOSIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

4.2.1 Dados coletados: primeiro questionário

Para explorar os resultados dos dados recolhidos pelos questionários aplicados aos alunos do primeiro ano do Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho de acordo com as perguntas objetivas contidas nestes questionários, apresentados em anexo.

Apresentamos e discutimos aqui os principais resultados obtidos desse processo de pesquisa. A forma de apresentação para os dados quantitativos colhidos será a da elaboração de gráficos, estilo pizza e da dissertação de comentários dos questionamentos subjetivos (Anexo I), assim, poderemos discutir os valores obtidos dentro do contexto do campo pesquisado e do que queremos apresentar neste trabalho.

Gráfico 1: Sobre quais alunos alimentam o hábito de ler.

FONTE: Dados da pesquisa, 2015.

Ao serem questionados se tinham o hábito de ler em um questionamento objetivo com duas alternativas, os alunos se dividiram em: dezoito afirmando que possuem a leitura como hábito e nove afirmando que não. Com esse primeiro questionamento se observou que existe um grupo de trinta por cento dos alunos que não apresentam o hábito da leitura.

Para esses alunos, especificamente, foi desenvolvida uma nova pergunta, previamente pensada, para que apontassem quais as razões, se existirem, para que sua resposta tenha restado negativa, pois alguns fatores sociais foram observados durante o período de estágio que poderiam interferir nas respostas desses alunos. Tais fatores seriam: a falta de emprego na região, o que forçaria muitos dos alunos a dividirem a rotina de estudos com alguma atividade remunerada, o fato de alguns alunos já terem constituído família, mesmo tão jovens e fatores culturais, próprios de regiões periféricas, como o ócio da juventude e a violência, que acaba desvirtuando muitos dos estudantes. Os resultados desse apontamento se observam no gráfico a seguir:

Gráfico 2: Aos alunos que responderam “Não”, a que atribuíam a falta de estímulo.



FONTE: Dados da pesquisa, 2015.

Dos nove alunos que responderam a opção “Não”, foi indicado no questionário que apontassem a causa, ou as causas da sua resposta. Como resultado, nenhum dos alunos apontou que os professores não incentivavam a leitura. Um aluno diz que a falta de livros na escola é o fator que ocasiona a falta de estímulo. A maioria dos que responderam negativamente à questão anterior afirma que é por falta de interesse próprio que não realizam leituras frequentes e os três alunos restantes afirmaram a opção “Outros”. No campo subjetivo destinado a apontar qual (quais) fator(es) responsáveis por esse assinalamento, dois apresentaram que era por falta de tempo e um não especificou o motivo.

Para um dos alunos que respondeu essa opção há um afirmou:

“Falta de tempo porque eu trabalho”

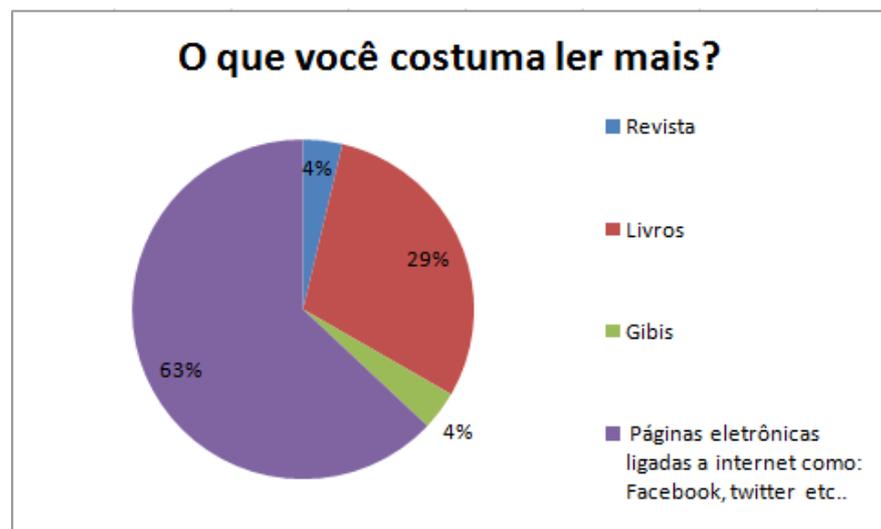
(Dados da pesquisa).

Isso reflete uma realidade de muitos adolescentes e jovens atendidos pelo Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Professor José Soares de Carvalho, onde muitos estudantes cumprem uma dupla jornada com

um emprego paralelo para auxiliar nas despesas de casa ou mesmo para a sua própria subsistência.

A partir dos dados apresentados pelas duas primeiras perguntas, observamos que praticamente um terço da sala não pratica regularmente o hábito da leitura e que a maioria dessa parcela não lê por falta de interesse próprio.

Gráfico 3: Onde os alunos costumam ler



FONTE: Dados da pesquisa, 2015.

Quando perguntados sobre onde costumavam ler, não tomando em consideração o gosto pessoal, mas o hábito da leitura existente no dia a dia, a diferença entre a forma como os alunos se comunicam com os meios de leitura se apresenta de forma gritante.

Enquanto apenas um aluno assinalou, respectivamente, as opções revista e gibi, outros oito afirmaram que leem mais livros e a maioria absoluta de dezessete alunos, ou seja, 63% do total, afirmam que praticam a leitura cotidiana em páginas de internet, redes sociais, acessadas por computadores, mas principalmente pelo celular.

Aos demais tópicos abordados na pesquisa faremos uma discussão dissertativa, pois os dados colhidos se mostram potencial para tanto. Ao serem questionados se acreditam que a prática da leitura contribui para a formação do cidadão todos responderam que sim, como argumento, muitos mencionaram que saber ler é importante para o mercado de trabalho e citaram também fatores como dignidade e vergonha que o analfabetismo causa.

Quando abordados na última pergunta dos questionários sobre se seus familiares costumavam ler (questão 8, do anexo I), alguns alunos responderam ser filhos e netos de pessoas que não frequentaram a escola ou não tiveram total acesso ao ensino regular.

“Não tenho muito incentivo em casa. A minha mãe tem pouco estudo e não lê.”

“Eu moro com meus avós e eles são analfabetos só assinam o nome. Eu leio em casa por que eu gosto. Pego os livros na biblioteca.”

(Dados da pesquisa)

Alguns responderam que por questões ligadas à religiosidade, o hábito da leitura é comum dentre seus familiares e que isso serviu de fator influenciador para a prática do ato de ler.

4.2.2 Dados coletados: segundo questionário

A segunda parte da pesquisa ocorreu após a ação educativa descrita no item 4.1.3 deste texto. As perguntas lançadas aos alunos seguem o mesmo estilo e linguagem do primeiro questionário, mas dessa vez são direcionadas à análise do que ocorreu na sala de aula no que diz respeito à apresentação da ação educativa (Anexo II).

Inicialmente se procurou saber diretamente o que os alunos acharam da aula. Todas as respostas obtidas foram positivas. Algumas com maior grau de entusiasmo como o que afirmou que:

“Deveria acontecer todo mês. Foi muito legal” e também “Gostei muito, vou ver todos os filmes e tentar ler os livros”

(Dados da pesquisa)

Essa afirmação atesta que o propósito inicial do projeto da intervenção realizada pela ação educativa que era de incentivar o gosto pela leitura foi atingido nessa turma.

Incitados a observar se houvera alguma diferença entre as aulas anteriores de Literatura e essa em que foi realizada a ação educativa, mais uma vez todo o corpo discente da turma afirmou que sim. Em alguns casos houve alguma justificativa, realização de comparações com as aulas anteriores, mas a maioria se concentrou em apenas afirmar que existiu a diferença.

Os resultados positivos seguiram se repetindo quando questionados se houve boa prática de leitura com as obras apresentadas e se os alunos gostaram da abordagem. Enfim, como discorreremos nas considerações finais desse trabalho, a prática da leitura para estudantes do Ensino Médio precisa passar por algumas reformulações. A leitura dos clássicos é imprescindível, porém se deve, antes de tudo atrair o jovem para o mundo da leitura, por meio de obras e meios que os pareçam agradáveis.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o decurso desse trabalho, pude observar e valorizar mais ainda o valor que a leitura representa na formação não apenas de bons alunos, mas de bons cidadãos, bons profissionais e arrisco dizer, de melhores seres humanos. Após observar desde os fatores do desenvolvimento cognitivo abordados por Vygotsky e

Piaget, de como as fases pelas quais a criança passa até o início de sua vida escolar e só então como a leitura se introduz na sua vida e assume importância.

Dos momentos históricos vividos em nosso país desde o período colonial aos dias atuais quando ler era um privilégio de poucos e ainda assim tudo o que era produzido e comercializado tinha que ter a chancela da Igreja Católica, pois naquele período o clero e a coroa eram as duas maiores forças existentes na colônia, restando dúvidas inclusive se a primeira não teria mais poder que a segunda quanto em determinados assuntos. Nossa nação foi moldada em cima de um povo que não leu, ou se leu, foi muito pouco. Nos regimes totalitários enfrentados tanto na Era Vargas, quando na Ditadura militar, o povo mais uma vez se viu sujeito a permanecer na ignorância, pois os governantes temiam que as ideias vindas da Europa pudessem “contaminar” a nação e assim ameaçar a soberania dos que estavam no poder.

O ato de ler causou tanto medo nos que detinham o poder, pois ele abre horizontes. Um jovem que conquista a capacidade de ler pode abrir a mente para um pensamento mais elevado, desenvolver uma visão crítica de mundo, problematizar a sua realidade e assim esforçar-se para mudá-la. O desenvolvimento da visão crítica dos alunos se tornou tarefa essencial dos professores do Ensino Médio em nosso país, pois a capacidade de pensamento crítico facilita o aprendizado, melhora o aproveitamento do aluno e o torna mais interessado no conteúdo proposto em sala de aula. A ação conjunta de professores em incentivar a leitura vem criando a cada geração alunos com maior poder de questionamento e liderança dentro do contexto escolar.

Mas sabemos que mesmo algo relativamente simples de se influenciar como a leitura enfrenta problemas com o descaso que nossa educação sofre em muitos estados brasileiros. Faltam livros, material de apoio e até mesmo o essencial ao que se espere de uma biblioteca escolar. A população que não está mais em idade escolar não pode, em muitos locais, usufruir de um espaço onde o hábito de ler possa ser exercitado.

Para organizar a situação ao menos no âmbito escolar foram criados, na década de noventa, os Parâmetros Curriculares Nacionais, PCN, que é um conjunto

de diretrizes a serem adotadas por todas as etapas da educação básica no país, foi uma forma de unificar o método de como o conhecimento é distribuído no território nacional. Nos anos dois mil esses parâmetros passaram por uma ligeira reforma, para atualização dos conceitos a serem adotados e para ficar em dia com as tecnologias que as escolas, a partir de então, começariam a utilizar. Para o ensino da Língua Portuguesa no Ensino Médio houveram mudanças na forma em que o foco sairia da gramática e entraria no hábito de ler e na interpretação dessa leitura fundamentada na construção de um conhecimento crítico por parte de cada um dos envolvidos nesse processo.

Com a implantação dessas normas e de projetos adotados pelo governo a leitura ganhou destaque na grade curricular do Ensino Médio. Sua importância como objeto na construção de conhecimentos e seu reconhecimento como agente construtor de um pensamento crítico. Quando exercitam o ato de ler não só suas funções de aprendizagem ou de assimilação de conhecimento estão sendo exercitadas, mas também estão inserindo no seu modo de vida conceitos, valores, pensamentos e visões críticas que serão utilizados no decorrer de seu crescimento enquanto indivíduo e cidadão.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Desporto. **Conselho Nacional da Educação**. Câmara de Educação Básica. Resolução n. 3 de 26/6/98.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, V2, 1997, 144p. Braga, R. M.; & Silvestre, M. F. B. (2002). **Construindo o leitor competente: atividades de leitura interativa para a sala de aula**. São Paulo: Petrópolis.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Parte I — Bases Legais**. Brasília, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acessado em: 03/10/2011.

_____. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Parte II — Linguagens Códigos e Suas Tecnologias**. Brasília, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br>. Acessado em: 03/10/2011.

_____. **Referenciais Curriculares para o Ensino Médio/Secretaria Estadual de Educação do Estado de Goiás/Coordenação de Ensino Médio**.

CALVINO, Ítalo. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras
FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler: em três artigos que se completam. São Paulo: autores associados: Cortez, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo- SP: Editora Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e Lingüística**. 10^a ed. São Paulo: Scipione, 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Guarabira Paraíba - PB.** Biblioteca virtual do IBGE. Brasília. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/paraiba/guarabira>. Acesso em 14/01/2015.

JOLIBERT, J. **Formando Crianças Leitoras.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1994

MARTINO, A.; SAPATERRA, A. P. (2006). A censura no Brasil do século XVI ao século XIX. *Estudos Lingüísticos*, v. 15, pp. 234-243. Disponível em <http://www.usp.br/proin/download/artigo/artigos_censura_brasil.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2015.

PETIT, Micheli. **Os Jovens e a Leitura: uma nova perspectiva.** 1 ed. São Paulo: Ed. 34, 2006.

PIAGET, J.; INHELDER, B. **A psicologia da criança.** Rio de Janeiro: Artmed, 1999.

PRIORE, Mary Del. Ritos da Vida Privada. In: SOUZA, Laura Mello e (Org.). **História da Vida Privada no Brasil: Cotidiano e Vida Privada na América Portuguesa.** São Paulo-SP: Companhia das Letras, 1997, cap. 06, p, 275-330.

PERRENOUD, Philippe et al. **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio de avaliação.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Criticidade e leitura: ensaios.** Campinas: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 1998.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 1984.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de estudo e de pesquisa em administração** / Liane Carly Hermes Zanella. – Florianópolis : Departamento de Ciências da Administração / UFSC; Brasília: CAPES: UAB, 2009.

ZINANI, C.J.A.; SANTOS, S.R.P. dos. **Ensino da literatura: possibilidades e alternativas.** 2002. Disponível em: <http://www.pucrs.br/edipucrs/CILLIJ/praticas/Ensino_de_literatura_.pdf>. Acesso em dez. 2014.

Zotti, Solange Aparecida. **Sociedade, educação e currículo no Brasil: dos jesuítas aos anos de 1980**/Solange Aparecida Zotti.- Campinas,SP: Autores Associados; Brasília, DF.ed. Plano, 2004.

ANEXOS

ANEXO I – PRIMEIRO QUESTIONÁRIO DE SONDAGEM

1º- Você tem o hábito de ler ?

() sim () não

2º Se não. A que você atribui essa falta de estímulo?

() Aos professores que não incentivaram essa pratica.

() A falta de livros nas escolas.

() Desinteresse próprio.

Outro motivo: _____

3º Existe prática de leitura em sala de aula?

() Sim () Não () Pouca

4º O que você costuma ler mais?

() Revista () livros () gibis () Páginas eletrônicas ligadas a internet como:

Facebook, twitter etc..

5º você acredita que a prática da leitura contribui para a formação do cidadão? Por quê?

6º Os professores proporcionam uma vivência/prática de leitura na biblioteca da escola?

() sim () Não

7º Quais os livros que você já leu? E quais os mais significativos/importantes?

() Nunca cheguei a ler um livro por inteiro até hoje.

8º Seus familiares costumam ler? Eles lhe incentivam a prática de leitura?

ANEXO II – SEGUNDO QUESTIONÁRIO DE SONDAAGEM

1º O que você achou da aula?

2º Houve alguma diferença entre esta aula e as aulas anteriores de leitura?

3º Houve uma boa Prática de leitura?

Sim Não

4º Você gostou dessa abordagem ?

Sim Não

5º Se não. Por quê?

ANEXO II – MATERIAL DE LEITURA TRABALHADO NA AÇÃO EDUCATIVA DO ESTÁGIO

